

EDITORIAL E MANIFESTO: ANÔMALAS

Eliane Martins de Freitas¹

Jorge Luiz da Silva Alves²

Rhanielly Pereira do Nascimento Pinto³

Em um mundo polarizado entre dominados e dominadores nos instalamos. Numa sociedade em que o capital vale mais que a vida das sujeitas nós nos instalamos. Como forma de (sobre) vivência nós contamos agora a nossa história. Os grupos que historicamente foram marginalizados não vão mais se calar. Mulheres, LGBT's, indígenas, negras não podem mais esperar por uma assimilação social, é preciso romper com *status quo*, é preciso expor a violência e configurar na resistência projetos de novos mundos.

Anômalas surge para expor as correntes enferrujadas do processo de dominação. Trazer do esquecimento, histórias que necessitam emergir. Num contexto político-social tão antiquado, Anômalas se propõe resistir e possibilitar a quebra de antigas amarras que por muitas das vezes estão mais em um imaginário social heteronormativo do que na própria evidência do fazer histórico.

.....

1. É feminista, mãe de dois adolescentes e avó de uma criança. Doutora em História pela UNESP/Franca, Pós-Doutora pela Universidade de Évora-PT. Professora Associada do Programa de Pós-Graduação em História - Mestrado Profissional/UFCat e do Curso de História da Universidade Federal de Catalão, coordenadora do Laboratório de Pesquisa em Gênero, Etnicidade e Diversidade (Laged/UFCat), coordenadora do Grupo de Pesquisa Anômalos - Pesquisas e estudos em gênero, sexualidades, classe e etnicidades/raça (UFCat-CNPq), vice-coordenadora do GT Regional de Gênero da Anpuh- Seção Goiás; membra da diretoria da Anpuh/GO, membra da Associação Brasileira de Pesquisa de Ensino de História (ABEH); membra do GT Regional de Ensino de História e Educação da Anpuh- Seção Goiás; editora da Anômalas - Revista do Grupo de Pesquisa Anômalos (INHCS/UFCat).emartinsdefreitas@gmail.com.
2. Mestranda em História Global pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduada em História pela Universidade Federal de Goiás. É cofundadora do ANÔMALOS – Grupo de pesquisas e estudos em gênero, sexualidades, classe e etnicidades/raça vinculado à Universidade Federal de Catalão. É membra do IEG/UFSC – Instituto de Estudos de Gênero. Atualmente a pesquisadora tem se aprofundado nos debates em torno da Teoria *queer*, aplicativos de pegação, homonormatividades, História Global e *queer marxismo*. E-mail: jorgeluizdasilvaalves@gmail.com.
3. Doutorando em História Global pela Universidade Federal de Santa Catarina. Graduado e mestre em História pela Universidade Federal de Goiás. É cofundador do ANÔMALOS – Grupo de pesquisas e estudos em gênero, sexualidades, classe e etnicidades/raça vinculado à Universidade Federal de Catalão. Atualmente realiza pesquisa sobre movimentos homossexuais de primeira onda na América Latina e a formação da nova homonormatividade. rhaniellypereira@hotmail.com.

A nossa anomia é um ponto material de produção de vida, dignidade e liberdade. Não se conformar, subverter, contar e repensar nossa história é garantir a integralidade das sujeitas históricas. Grandes histórias por sujeitas que ainda não foram descobertas em sua totalidade, grandes momentos que se fazem a partir das identidades, sejam elas individuais ou coletivas. Nossa anomia surge como *modus operandi* de ascensão da miserabilidade histórica a restituição de vida em vida.

Daquelas reservas indígenas constantemente ameaçadas, dos vales LGBTQIA+'s num estado de limbo constante pelo imaginário social, do genocídio negro nas favelas e em todas as esferas sociais, da luta incansável pela libertação das mulheres, das variadas mulheres. Nós nos instalamos! Gritaremos contra as formas de opressão expondo-as e desvelando o emaranhado processo histórico que torna a invisibilidade parcial e total a estratégia de um projeto político epistêmico de silenciamento de nossas existências.

Da névoa das identidades fixadas pelo heteropatriarcado nós sublimamos e contamos outras histórias. Recontamos o processo das nossas identidades a partir do olhar de quem luta nos morros, nos pontos de prostituição, nas escolas e em todos os ambientes milimetricamente escolhidos como um lugar possível de resistência.

Dos corpos marcados pela violência, pela predestinação do capital nós destinamos o recontar. Nós trazemos de todo o cinzento real os pontos coloridos que não foram tão fáceis de serem identificados na esperança de subverter o quadro e preencher o cinza do roxo, rosa, vermelho e azul.

Em tempos temerosos escolhemos contar a forma com que criamos a nossa identidade por nós mesmos e pelo contato com a selva capital no intuito de fazer que os corpos anômalos sejam a parte comum da sociedade. Na lógica da dominação nós dizemos não e apresentamos a proposta diária de contar uma história não hegemônica, não colonial, não branca, não hétero, não dominadora. Nós propomos a Anômalas para quebrar as correntes e avisar que estas várias sujeitas estarão em todos os espaços.